

EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO DA BÍBLIA

HUGO McCORD



Há séculos, mentes esclarecidas têm identificado dois pilares gigantescos que sustentam a fé na Bíblia: evidências encontradas fora da Bíblia, como a descoberta do túnel de Ezequias¹, e evidências encontradas dentro da própria Bíblia que apontam para sua origem divina. Esta lição se restringe às provas internas: 1) as características gerais da Bíblia que apontam para uma autoria celestial, 2) o impacto de predições antigas de um Messias vindouro, 3) o tipo de pessoa que Jesus foi e 4) o efeito que a Bíblia exerce no pensamento dos incrédulos.

“SÓ HÁ UM!”

Sir Walter Scott, um poeta e novelista escocês, pouco antes de falecer, ficou surpreso quando um amigo perguntou-lhe, numa sala contendo vinte mil livros, qual livro Sir Scott gostaria que o amigo lesse para ele. “E você precisa me perguntar isso? Só há um!”²

Vários aspectos únicos da Bíblia apontam para uma autoria celestial: uma qualidade im-

Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes... apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração (Hebreus 4:12).

pressionante da Bíblia é que, em meio a tanta diversidade, ela mantém uma unidade surpreendente. Nenhum outro livro é igual à Bíblia no modo como ela

une simplicidade e profundidade. A Palavra de Deus é apresentada com imparcialidade, concisão e contenção incomparáveis. É o único livro perfeito, que não necessita de atualizações ou revisões.

Muitos livros são excelentes obras-primas da literatura, mas “só há um” quando se trata do

melhor. A Palavra de Deus está muito acima de qualquer outro livro antigo. Relativamente, poucas obras sobreviveram até os nossos dias, mas temos muitas cópias das Sagradas Escrituras.

Cada uma dessas qualidades da Bíblia será discutida com profundidade na lição “Características da Bíblia”, mais adiante nesta edição.

“ACREDITAS NOS PROFETAS?”

Paulo parecia saber que ele estava diante de um rei que levava o Antigo Testamento a sério, quando exclamou: “Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas” (Atos 26:27). Não sabemos quanto o rei Agripa havia estudado as predições do Antigo Testamento sobre o Messias que viria; mas ele próprio era em parte judeu³. Qualquer um, judeu ou gentio, que lê o Antigo Testamento — o qual foi escrito muito antes da vinda de Jesus — não pode deixar de crer nos profetas quando vê a clareza com que eles predisseram o Messias.

Dar testemunho de Jesus era o propósito principal das profecias (Apocalipse 19:10c). Os profetas deram testemunho de Ele (Atos 10:43). O descendente da mulher feriria a cabeça de Satanás (Gênesis 3:15; Gálatas 4:4; Hebreus 2:12–14). Ele seria da descendência de Abraão (Gênesis 18:18; Gálatas 3:16), da tribo de Judá (Gênesis 49:10), da família de Davi (Salmos 89:3, 4). Ele nasceria de uma virgem (Isaías 7:14), em Belém (Miquéias 5:2). Um precursor prepararia o Seu caminho (Isaías 40:3); Seu ministério na Galiléia foi predito (Isaías 9:1, 2); Sua sabedoria sobre-humana (Isaías 11:1–3) e Seus feitos poderosos foram descritos (Isaías 35:5). Também foi predito o Seu zelo consumidor pela casa do Pai (Salmos 69:9; João 2:16, 17).

Que Ele seria um homem de dores, que sabe o que é padecer e que levaria sobre Si os pecados

foram fatos espantosos esboçados com anos de antecedência (Isaías 53:3, 11). Ele seria chicoteado sem, contudo, oferecer resistência alguma (Isaías 53:5, 7). Ele seria rejeitado (Isaías 53:3) e até a covardia de Seus discípulos foi predita (Zacarias 13:7). Por trinta moedas de prata (Zacarias 11:12), um deles iria traí-LO (Salmos 41:9). Muito antes de o suborno ser efetuado, a predisposição para se aceitar suborno pelo Seu assassino foi predita (Zacarias 11:13). Que cuspiriam diante dEle (Isaías 50:6) e O colocariam entre criminosos (Isaías 53:12) foram fatos preditos. Ele seria ridicularizado, não só com palavras de escárnio (Salmos 22:7, 8), mas também com vinagre (Salmos 69:21). Por meio de sorteio, Suas vestes seriam divididas (Salmos 22:18). Suas mãos e pés seriam traspassados (Salmos 22:16c), mas nenhum osso seria quebrado (Salmos 34:20). O Crucificado oraria pelos que O crucificaram (Isaías 53:12). No túmulo de um rico Ele seria colocado (Isaías 53:9), mas seu corpo não entraria em decomposição (Salmos 16:10). Ele subiria aos céus (Salmos 45:6; 110:1–3).

Canon Liddon contou 332 profecias no Antigo Testamento sobre Cristo⁴. Alfred Edersheim alistou 456 passagens que se referem a Cristo e ao Seu reino⁵. Como tudo isso teria se cumprido num único homem por acidente? Não é de admirar que Jesus tenha afirmado: “Se alguém quiser fazer a vontade dele [de Deus], conhecerá a respeito da doutrina” (João 7:17a). Não há desculpa para a infidelidade.

A singularidade da Bíblia é vista no fato de que outros livros pertinentes a religião (ao islamismo, budismo, confucionismo, xintoísmo e zoroastrismo) não tentam predizer o futuro. A Bíblia fornece oportunidades para provar-se verdadeira ou falsa através de suas profecias — uma oportunidade que outros livros de religião não ousam oferecer.

Quando aqueles que se denominam profetas são comparados com os profetas bíblicos, a situação complica para um dos dois lados. Por exemplo, o estadista britânico George Canning (1770–1827) predisse que as colônias da América do Sul se desenvolveriam como os Estados Unidos. Robert Ingersoll (1833–99) predisse que em dez anos haveria dois anfiteatros para cada igreja. Jerome Cardan (1501–76), um matemático italiano, predisse o dia e a hora de sua própria morte e cometeu suicídio nessa mesma data.

“O TOTALMENTE DESEJÁVEL”

Entre as melhores evidências da origem não-

humana da Bíblia está o caráter de Jesus. Com raras exceções, tantos crentes como incrédulos se unem na admiração pela pessoa de Jesus. “Todas as gerações proclamam que, entre os filhos dos homens”, escreveu o filósofo incrédulo Joseph Renan (1823–92), “não nasceu nenhum maior do que Jesus”. Jesus é o único, a rosa de Saron, o lírio do vale, o mais íntegro entre dez mil, o totalmente desejável⁶, o Verbo de Deus, o qual palavras não podem descrever!

Jesus, embora perfeito, era isento de orgulho ou vanglória. Ele era humilde e modesto. Ele Se sujeitou aos Seus pais terrenos. Esquecendo-Se de Suas próprias necessidades, Ele Se consumiu na salvação de almas e na ajuda aos necessitados — até aos odiados samaritanos. Embora Ele não desejasse possuir autoridade terrena, Ele expulsou poderosamente os que demonstravam desrespeito pela natureza sagrada do templo. Exemplo perfeito de amor e serviço, Jesus negou-Se a Si mesmo por causa dos outros. Não podemos reconhecer Sua bondade e nos recusar a aceitar a Sua Divindade.

Nenhum ser humano poderia imaginar uma pessoa tão boa como Jesus. Se os escritores dos Evangelhos inventaram as histórias sobre Ele, eles realizaram um milagre maior do que qualquer um atribuído a Jesus — pois, sendo meros humanos, criaram um indivíduo perfeito e conceberam um sistema perfeito de moralidade.

Certo erudito destacou que os apóstolos não eram nem bons nem grandes o bastante para inventar Jesus. A idéia que eles tinham do reino era de um reino físico (Marcos 10:35–45); não entendiam o “fermento” dos fariseus (Mateus 16:5–12); não compreendiam a abnegação (Mateus 16:21–26); faltava-lhes coragem moral (Mateus 26:31–35, 51–56, 69–75) e eram preconceituosos em relação a outras raças (Lucas 9:51–56).

“EU, CONTUDO, NÃO CRIA”

“Eu, contudo, não cria”, disse a rainha de Sabá para Salomão, “naquelas palavras, até que vim e vi com os meus próprios olhos” (1 Reis 10:7a; 2 Crônicas 9:6a). Muitos céticos e incrédulos da Bíblia pensavam o mesmo até que examinaram as evidências em favor de Cristo. Ao fazerem isso, eles descobriram que eles não sabiam “a metade” do que Cristo pode significar para as vidas dos seres humanos.

Sir George Lyttelton (1709–73) foi educado em Eton e Oxford, na Inglaterra. Ele entrou no Parlamento e ocupou cargos elevados no Ministério da Fazenda. Sendo um homem de

letras, teve sua biografia escrita por Dr. Samuel Johnson. Como tantos outros literatos do século XVIII, Lyttelton e seu amigo Gilbert West rejeitavam a religião cristã, sendo influenciados por Henry St. John Bolingbroke, Philip Chesterfield, Alexander Pope e outros cétricos. Totalmente persuadidos de que a Bíblia era um embuste, Lyttelton e West decidiram desmascarar “o impostor”, Jesus Cristo.

Lyttelton escolheu a conversão de Paulo e West, a ressurreição de Cristo para apresentarem suas críticas. Cada um iniciou a investida cheio de preconceitos, mas seus estudos isolados e esforços para desmascarar o cristianismo resultaram justamente na crença de ambos em Deus e em Sua Palavra. Eles se reuniram após os seus estudos, não para se alegrarem com a revelação de uma fraude, mas para lamentar a loucura anterior e para se regozijarem com o que descobriram.

Cada um deles redigiu um estudo: West escreveu “Observações sobre a Ressurreição de Cristo” e Lyttelton, “Observações sobre a Conversão de São Paulo”. As descobertas de Lyttelton foram primeiramente publicadas em forma de carta para West. O parágrafo de abertura dizia: “...a conversão [de Paulo] foi por si só uma demonstração suficiente para comprovar que o cristianismo é uma revelação Divina”⁷.

Lyttelton conduziu uma investigação minuciosa sobre a suposta conversão de Paulo⁸. Ele concluiu que apenas quatro posições são possíveis: 1) Paulo simulou a visão na estrada para Damasco; 2) por ser um entusiasta caloroso, equivocadamente pensou ter tido uma visão; 3) os cristãos o enganaram; ou 4) ele disse a verdade.

A primeira posição é imediatamente rejeitada. Por que Paulo simularia tal incidente, que mudaria o rumo da sua vida, chegando depois até a morrer por essa mentira? Os impostores têm seus motivos — como riqueza, poder, cobiça ou reputação — para cometer suas falsificações. Uma vez que nenhum motivo pode ser atribuído a Paulo, a razão nos compele a rejeitar a primeira posição.

A segunda possibilidade faz de Paulo um fanático equivocado com respeito ao que ele pensou ter visto. Todavia, a disposição de ânimo de Paulo era exatamente contrária a ter uma visão imaginária nos céus. Ele estava totalmente concentrado em desmascarar Jesus como um

impostor. Um entusiasta equivocado, psicologicamente, inclina-se para a sua alucinação. A tendência de Paulo era pensar ou ver o contrário. Em toda a sua vida, em vez de ser propenso a um sentimentalismo não-investigativo, ele era um homem racional, prudente e cuidadosamente analítico. Sendo assim, a segunda posição, argumentou Lyttelton, torna-se também inverossímil. Referindo-se a 1 Coríntios 13:1–13, onde Paulo colocou a benevolência acima de milagres, Lyttelton escreveu: “Essa é a linguagem de um entusiasta irracional?... Com certeza, também não vemos nessa passagem nem disposição, nem a opinião de um homem sujeito a ilusões fanáticas...”⁹

Em se tratando da terceira posição, mesmo se os cristãos estivessem envolvidos num negócio fraudulento, Paulo não teria acreditado neles. Ele estava matando cristãos, e não lhes daria ouvidos. A terceira posição parece, portanto, muito improvável.

Depois de eliminar as outras alternativas possíveis, Lyttelton convenceu-se de que Paulo realmente teve uma visão miraculosa de Jesus. A autenticidade do relato de Paulo é a única explicação lógica para um homem determinado como ele mudar tão radicalmente: de perseguir Jesus para sacrificar-se por Jesus.

A publicação de Lyttelton foi tão convincente que o Dr. Samuel Johnson observou que aquele era um estudo contra o qual os irreligiosos jamais conseguiram fabricar uma refutação. Dr. Philip Doddridge, que se tornou o amigo mais íntimo de Lyttelton, descreveu a publicação como “magistral” e “tão perfeita em sua categoria quanto qualquer outra que nossa geração tenha produzido”.

CONCLUSÃO

Dentro da Bíblia estão as evidências de sua procedência divina. As extraordinárias profecias do Antigo Testamento e o cumprimento de todas elas em Jesus Cristo, juntamente com a vida perfeita de Jesus, apontam para o caráter divino das Escrituras. Só resta a cada ser humano aceitar a Bíblia como a Palavra inspirada de Deus.

¹O Túnel de Siloé foi construído por Ezequias para que a água fosse levada para dentro de Jerusalém, durante o cerco dos assírios. Uma inscrição encontrada no túnel em 1880 confirma a data do reinado de Ezequias (c. 716–687 a.C.). O próprio túnel confirma os

acontecimentos mencionados em 2 Reis 20:20. (Merrill C. Tenney, ed. *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1975, v.v. "Hezekiah" ["Ezequias"] e "Siloam" ["Siloé"].

²T. Harrison, *Three Hundred Testimonies in Favor of Religion and the Bible by Distinguished Men and Women* ("Trezentos Testemunhos em Favor da Religião e da Bíblia por Homens e Mulheres Distintos"). Cincinnati: Robert Clarke & Co., 1888, p. 340.

³A irmã de Agripa, Drusila, é chamada de judia em Atos 24:24.

⁴Floyd E. Hamilton, *The Basis of the Christian Faith* ("A Base da Fé Cristã"), 3ª ed. Nova York: Harper &

Brothers, 1946, pp. 156–57.

⁵Alfred Edersheim, *Life and Times of Jesus the Messiah* ("A Vida nos Tempos de Jesus, o Messias"). Nova York: Longmans, Green, and Co., 1900, 2:710–41.

⁶Essas expressões, adaptadas de Cantares de Salomão 2:1 e 5:10, 16, têm sido aplicadas a Jesus em hinos populares.

⁷George Lyttelton, "Lord Lyttelton on the Conversion of St. Paul", em James D. Bales, *Saul: From Persecutor to Persecuted* ("Saulo: de Perseguidor a Perseguido"). Shreveport, La.: Lambert Book House, 1975, p. 106.

⁸Os relatos da conversão de Paulo estão em Atos 9, 22 e 26.

⁹Lyttelton, p. 129.

EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO: OS ROLOS DO MAR MORTO

O achado arqueológico mais importante em relação à Bíblia foi com certeza a descoberta em 1947 dos Rolos do Mar Morto. Qual impacto esses manuscritos tiveram sobre nossa compreensão da inteireza e fidedignidade dos livros do Antigo Testamento? Os estudiosos ficam maravilhados diante da admirável concordância entre o texto do Livro de Isaías sobre o qual a versão do Rei Tiago baseou-se (o Texto Massorético, datado do século nono aproximadamente) e as cópias do Livro de Isaías encontradas nas cavernas de Qunran (escritas por volta de 100 a.C.)¹. "É uma questão para se admirar", escreveu o professor Millar Burrows da Universidade de Yale, "o fato de que no decorrer de cerca de mil anos o texto tenha sofrido tão pouca alteração"². A "principal importância" dos Rolos do Mar Morto, escreveu Burrows, é fornecer apoio para a fidelidade do texto tradicional. As diferenças encontradas são "insuficientemente freqüentes para justificar novas traduções"³. Ademais, quando as diferenças são analisadas, "nada [em todos os rolos] altera nosso entendimento dos ensinamentos religiosos da Bíblia"⁴.

Outro professor da Universidade de Yale ficou impressionado com a integridade de todos os textos bíblicos, à medida que foram confirmados pela arqueologia. Ele escreveu: "Quanto ao que Amós, Isaías, Jesus ou Paulo pensavam e ensinavam, nosso conhecimento não foi aumentado nem alterado por qualquer um dos manuscritos descobertos"⁵. É lamentável que algumas pessoas, em cujos corações a fé bíblica não esteja plantada, aparentemente se deleitem na busca por defeitos no livro que fez mais bem pela humanidade do que qualquer outro.

A respeito disso, há quem passe horas investigando os Rolos do Mar Morto, na esperança de encontrar algo que desconcerte os crentes na Bíblia. O extremo dessa disposição é visto na publicação de um relatório que afirma que as descobertas de Qunran provam definitivamente que Jesus nunca existiu⁶. Quando admitimos que os rolos foram escritos cerca de cem anos antes de Jesus nascer e não poderiam, portanto, mencioná-lo (senão como profecia), vemos como os incrédulos vasculham terra e céu em busca de um erro, e vemos a falta de provas em favor dessa incredulidade.

¹F. F. Bruce, *Second Thoughts on the Dead Sea Scrolls* ("Considerações sobre os Rolos do Mar Morto 2"). Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1961, p. 17.

²Millar Burrows, *The Dead Sea Scrolls* ("Os Rolos do Mar Morto"). Nova York: Viking Press, 1955, p. 304.

³Ibid., p. 348.

⁴Ibid., p. 320.

⁵Joseph P. Free, *Archaeology and Bible History* ("Arqueologia e História Bíblica"). Wheaton, Ill.: Van Kampen Press, 1950, pp. 156–57.

⁶Bruce, p. 138. O artigo foi publicado em *Komsomolskaya Pravda*, em 1958.